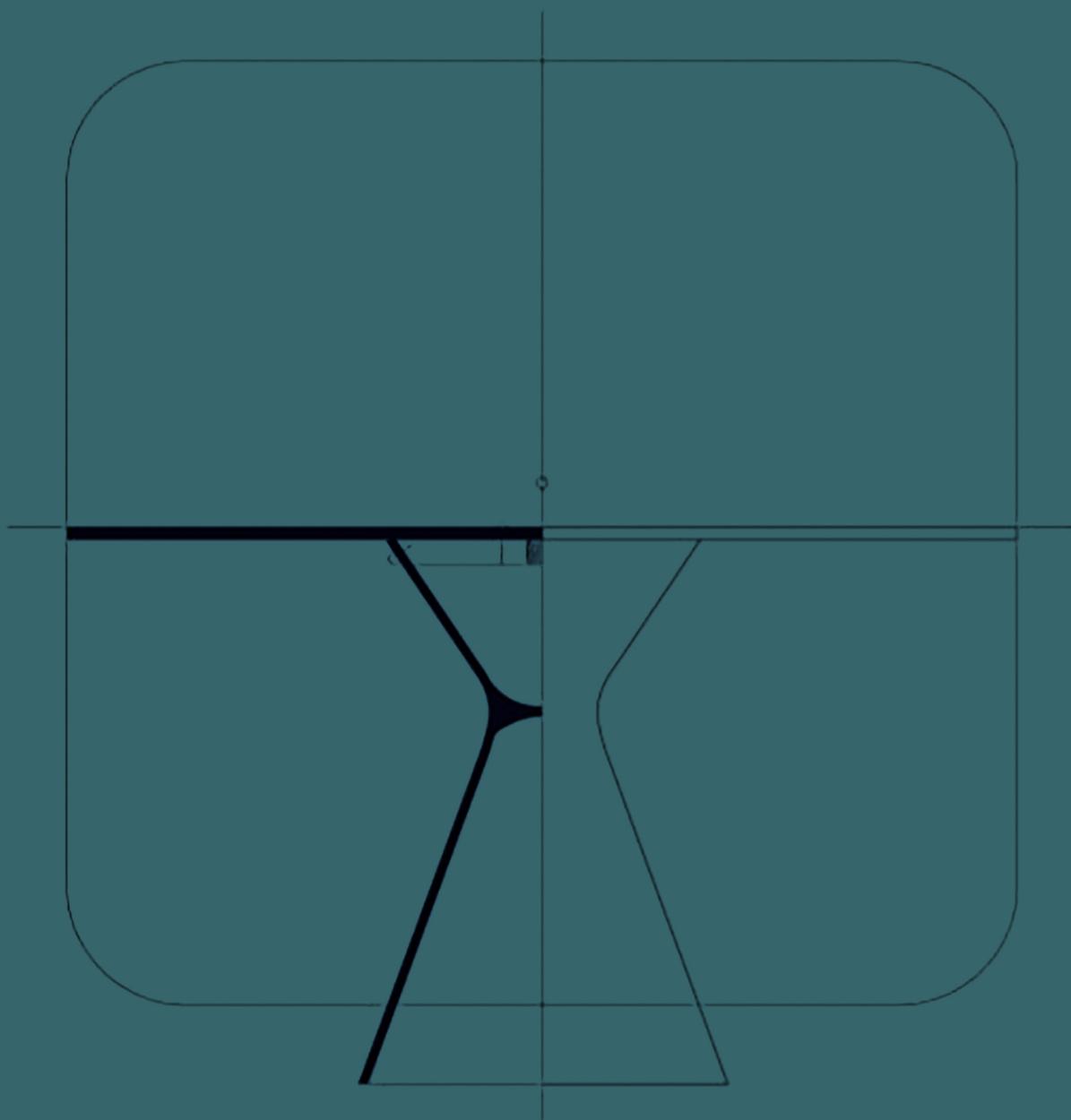


# Móveis com material não convencional

Soluções do arquiteto  
Jorge Caron\*



**Figura da página anterior:**

Corte de mesa - parte da série Móveis de Fibrocimento, autoria de Jorge O. Caron. Publicado na Revista Acrópole n.385, jun.1971 ano 33, p. 32. Fonte Acervo Jorge Caron. (Imagem acrescentada pelos editores desta edição temática ao presente texto)

**T**ratava-se de fazer móveis para uma sala de jantar e banquetas para um estar. Mas, por peculiaridades minhas (formação, traumas infantis etc.), me é sempre difícil pensar alguma coisa individual. Tal como um móvel para uma sala. A tendência é pensar, automaticamente, em termos de protótipo, não de indivíduo. Protótipo implica numa perspectiva de produção, uma indústria à disposição com um plano de pesquisa. Projetar ao nível do protótipo é projetar ao nível de reprodução aos milhares, ao nível de rebatimento social, de elaboração industrial.

Mas não tinha à disposição uma organização nem máquinas, nem capitais suficientes para pesquisa. Enfrentava a alternativa de ter que enfrentar o problema dos móveis de maneira artesanal: abandonar o protótipo e resolver o indivíduo.

Recusei a alternativa. Como então resolver o aspecto industrial, se não contávamos com a possibilidade de elaborar peças novas experimentais? Usando peças que a indústria já produzisse. O problema se equaciona na procura de materiais e formas que, com um mínimo de mão-de-obra, se transformasse inesperadamente em uma peça nova. Um dado se impunha o custo baixo, necessário para a reprodução comercial.

Pusemos mão à obra. Foram passados em revista os materiais.

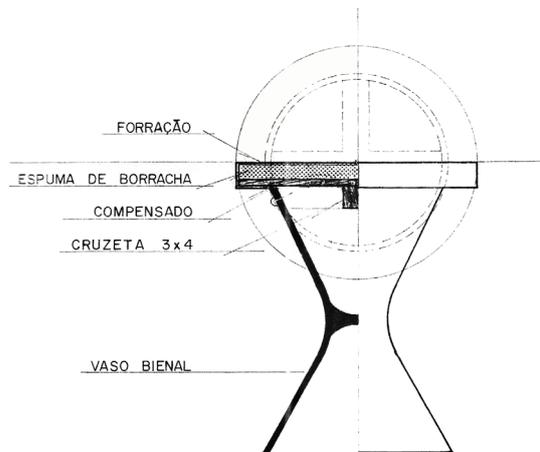
Madeira: artesanal, caríssima; a reprodução industrial no caso, não passa de um arremedo e não encontramos peças de madeira já produzidas industrialmente que permitissem uma aplicação imediata.

Plásticos: materiais os mais variados, todos maravilhosos, altamente versáteis, capazes de cobrir quaisquer problemas que se apresentassem. Mas apresentavam uma dificuldade para nosso trabalho: as peças novas requeriam moldes específicos e uma máquina industrial montada capaz de absorver as experiências. Por outro lado, a racionalidade do material faz com que a forma das peças já industrializadas sejam tão específicas que apresentam certa dificuldade em serem empregadas com outra finalidade. É o caso da luminária que fiz com um ralo sifonado de plástico (tigre), que funciona muito bem como luminária, mas não deixa de ser um ralo. Passamos, então, a outro material.

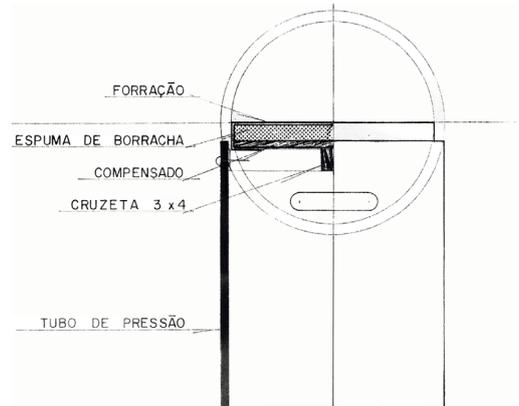
Metais: materiais que se prestariam perfeitamente a resolver o problema, o que não constitui novidade. Mas, como por sua natureza, os metais são produzidos em forma contínua, perfilada, logo vimos às voltas com canos, cantoneiras, chapas e serralheiros. Peso imenso, e preço por peso. E mão-de-obra artesanal. Poder-se-ia pensar em metal moldado, mas aí entra no caso dos plásticos e seus moldes. E, com certeza, os plásticos bem empregados levam alguma vantagem. Os metais não se equacionam dentro de

\* Jorge Osvaldo Caron foi Arquiteto e Urbanista, Cenógrafo, Designer e Docente do atual Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

**Figura 2:** Projeto de móveis.  
Fonte: Acervo Jorge Caron.

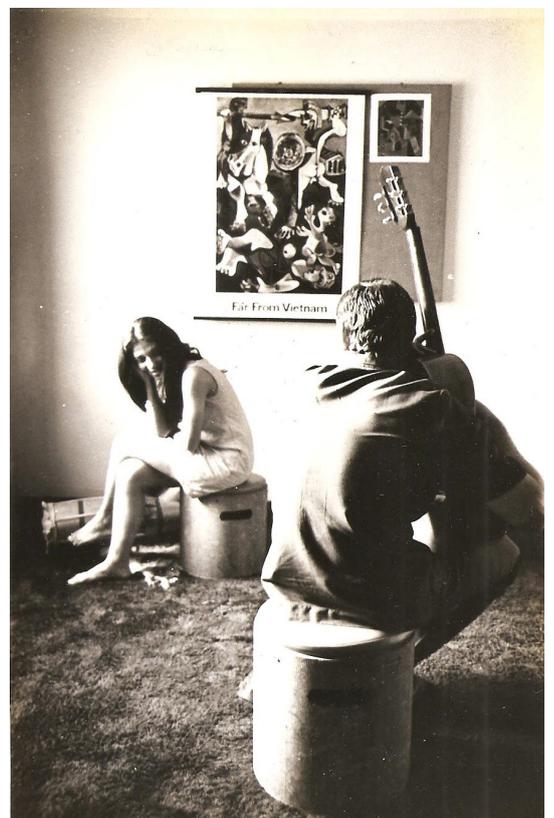
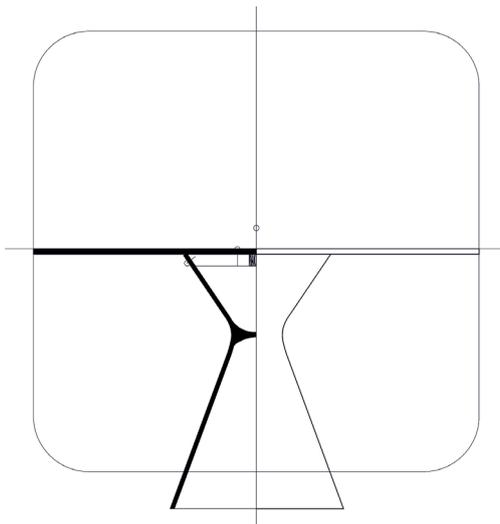


**BANCO 1**



**BANCO 2**

**MESA**



nosso problema geral, se bem que não fossem desprezados para quaisquer detalhes que pudessem surgir (parafusos por exemplo).

Concreto: também não é novidade resolver mobiliário em concreto. Estamos mesmo desenvolvendo bancadas de laboratório pré-fabricadas em concreto e estamos obtendo ótimos resultados. Mas, ainda, tropeçamos nos problemas do artesanal, na medida em que nos faltava uma indústria de apoio. E, também, que as peças produzidas industrialmente são sempre blocos empilháveis de grande peso.

Passamos ainda pelo cristal, caríssimo. Pelas polpas prensadas, econômicas, mas com as características artesanais da madeira. Pelo papelão, não passamos a fundo, devido à dificuldade de ter acesso a processos industriais de dobradura, não podendo ser empregadas as formas existentes.

Mas, indo por aí, tropeçamos em um material humilde, sempre meio escondido por trás de forros ou enterrado na terra. Acostumado a ser brutalizado pelas intempéries, por águas servidas, por altas pressões. Pesado, mas sempre usado em casas finas. Altamente resistente quando prensado, quebradiço quando moldado, mas com as linhas de resistência perfeitamente estudadas. Devido à sua aplicação extensa, de baixo preço, e com formas amplas, lisas. O material: fibrocimento.

A própria humildade do material, próximo do concreto, e sua resistência a produtos químicos (nos esgotos) e água (nos telhados) convinha às tarefas a desempenhar: os pratos quentes sobre a mesa, o vinho derramado, os murros no acesso da discussão. Por outro lado, o material recebe pintura, podendo ter as cores mais variadas, cera que o protege e lhe confere brilho suave. Pode ser até metalizado a jato e polido.

Selecionamos entre os diversos materiais existentes os que mais se apropriavam às diferentes partes dos móveis, com o mínimo de mão-de-obra. Para o tampo da mesa, foi empregada chapa prensada nas dimensões de fabricação com os cantos apenas arredondados (cortados com lâminas de carborundum). O pé da mesa é parte do vaso tipo Bienal. A junção entre os dois é feita por uma cruzeta metálica à qual se parafusam ambas as peças. O pé da banquetta correspondente é também um trecho do vaso Bienal, ao qual foi adaptado o assento estofado pelo mesmo processo da cruzeta. A banquetta cilíndrica é um trecho de tubo de pressão, com assento estofado e cruzeta.

Como o pé da mesa e do banco correspondente foram feitos de material moldado, receberam como proteção uma guarnição de borracha macia (de porta de automóvel).

Os móveis em questão estão aí. Em uso há um ano e meio e resistindo aos embates de refeições, crianças e bate-papos. O custo é ínfimo em relação ao custo do mobiliário que conhecemos. Sei, e daí?

Dá são os protótipos, demais uma possibilidade de industrialização de mobiliário, com um material insólito e barato, sem ao menos alterar a linha de produção de uma indústria, o que não é pouco, sabendo que os modelos que podem ser obtidos não são somente estes, mas uma infinidade.

**Figura 1:** Projeto do relógio do aeroporto de Guarulhos. Fonte: Acervo Jorge Caron.

